

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

JUNHO DE 1902

N.º 6

Sepulturas prehistoricas de caracter mycenense

Na necropole prehistorica do valle de S. Martinho (Cintra), muito bem explorada pelo Sr. Maximiano Apollinario, e por elle descrita n-*O Arch. Port.*, II, 210 sqq., encontraram-se algumas sepulturas, de fórma interessante, que o Sr. Apollinario com razão comparou á das de Alcalar (Algarve). Eis aqui a planta das sepulturas de Cintra (fig. 1.^a).

As sepulturas de Alcalar, a que me refiro, constam de camara redonda abobadada e de galeria. A camara nas sepulturas de Cintra

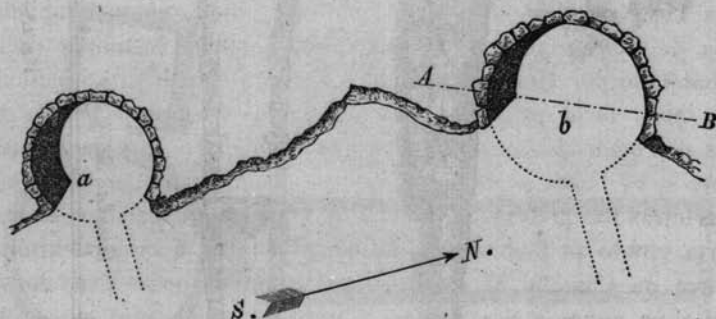


Fig. 1.^a — Sepulturas de Cintra

estava arruinada, e da galeria só tenues vestigios restavam. Para justificar melhor a comparação estabelecida pelo Sr. Apollinario entre os monumentos de Cintra e os do Algarve, aqui reproduzo, na fig. 2.^a, a planta de uma das sepulturas de Alcalar, segundo a gravura publicada nas minhas *Religiões da Lusitania*, I, 296, para onde tinha ido das *Antiguidades monumentaes do Algarve*, vol. III, est. III.

O Sul do nosso país apresenta varios outros typos semelhantes, como se póde ver no referido vol. das *Religiões*, p. 293 sqq. Comparaveis a estas sepulturas são de algum modo as grutas funerarias artificiaes de Palmella: *ob. cit.*, p. 229.

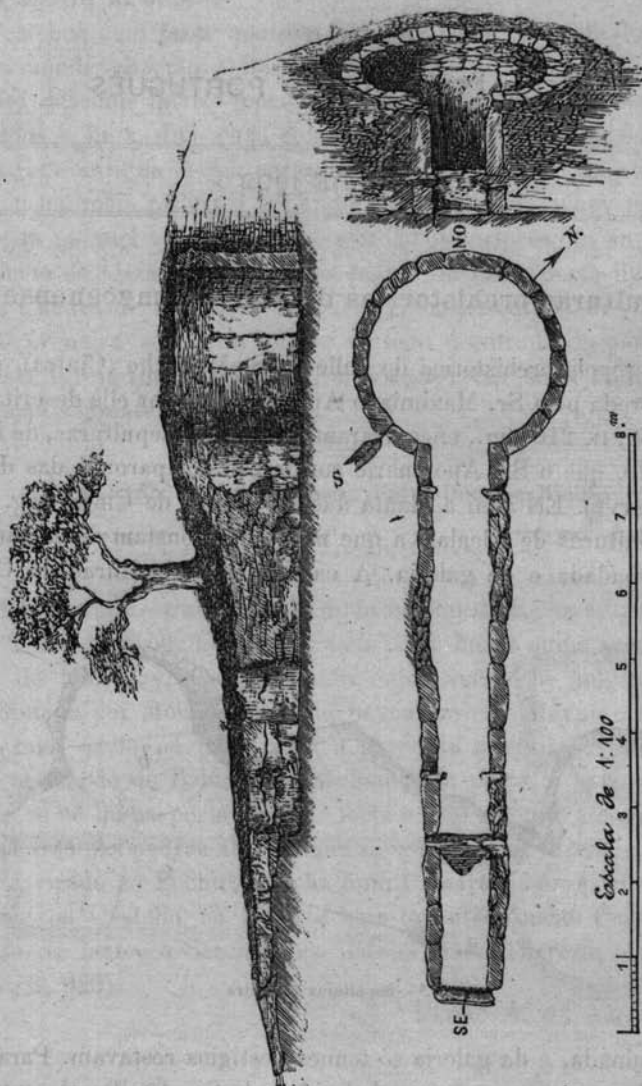


Fig. 2.^a — Sepultura de Alcalar (Algarve)

Póde ainda levar-se mais longe a comparação.

No vol. xxxviii, Maio-Junho de 1901, da *Revue Archéologique*, p. 465, ao dar-se conta de um livro do Sr. Arthur Martin intitulado *Le tumulus de Tossen-ar-run en Yvias* (Costas do Norte), publica-se

a planta que, com a devida venia, reproduzo ¹ na fig. 3.^a, e diz-se: «Le tumulus fouillé et publié par M. Martin nous donne un exemple

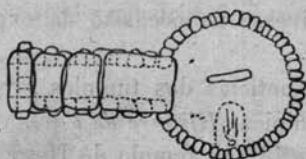


Fig. 3.^a — Sepultura de Yvias (França)

unique encore en Bretagne de caveau funéraire en forme de coupole. M. Martin rapelle à ce propos les tombes à coupole de Mycènes.

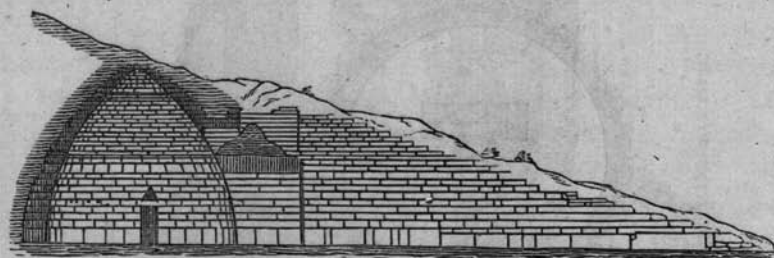


Fig. 4.^a — Sepultura de Mycenas (Thesouro de Atreu) — Côte

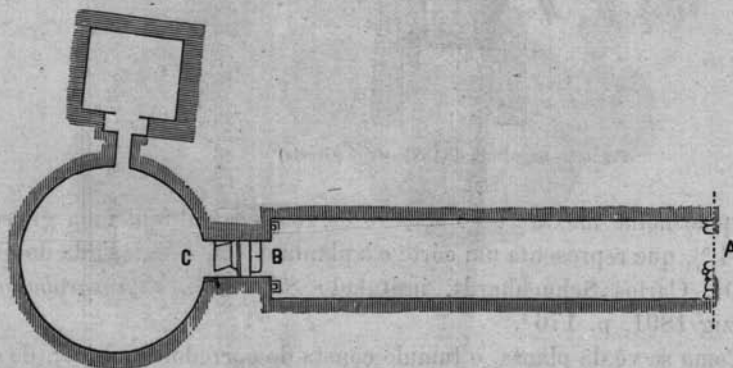


Fig. 4.^a — Sepultura de Mycenas (Thesouro de Atreu) — Planta

Les tumulus de l'Écosse, de l'Irlande et des archipels du nord de la Grande-Bretagne, avec leurs chambres voûtées en encorbellement,

¹ Os desenhos que serviram para a gravura das fig. 3.^a, 4.^a e 5.^a foram executados sob a direcção do Sr. Jorge Collaço.

fournissent des points de comparaison plus voisins. Le caveau n'a servi qu'à une seule sépulture». O mobiliario encontrado consistiu em instrumentos de pedra e em fragmentos de ceramica grosseira, mas talvez o tumulo já não contivesse na occasião da exploração todo o mobiliario primitivo.

Plantas, alçados e noticias dos tumulos gregos de cupula podem ver-se em Perrot & Chipiez, *Histoire de l'art*, vi, Paris 1894, p. 396 (tumulo perto do *Heraeum*, ou templo de Hera, entre Mycenae e Argos), p. 406 (*Vaphio*, na Laconia), p. 418 (Eleusis), p. 453 (*Messara*, em Creta). Em Mycenae propriamente dita é famoso o tumulo conhe-

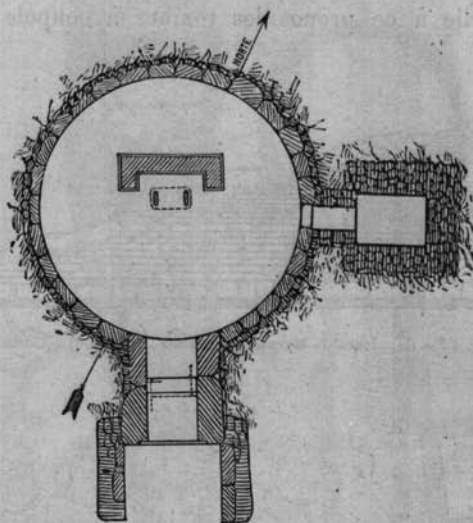


Fig. 5.^a—Sepultura de Orchómeno (Grecia)

cido pelo nome inexacto de *Thesouro de Atreu*; dou aqui uma gravura (fig. 4.^a), que representa um côrte e a planta d'elle, — extrahida do livro do Dr. Carlos Schuchhardt, intitulado *Schliemann's Ausgrabungen*, Leipzig 1891, p. 176¹.

Como se vê da planta, o tumulo consta de corredor ou *δρόμος*, de camara redonda e de uma pequena camara (quadrangular) lateral. Como se vê do côrte, a camara principal é abobadada. As dimensões d'este tumulo são porém maiores do que as dos do Sul de Portugal. Diz Schuchhardt a respeito da construcção da *crypta* ou camara: que ella é formada de 33 fiadas circulares de pedras, collocadas horizontalmente

¹ Vide igualmente Perrot & Chipiez, *ob. cit.*, est. III.

umas sobre as outras, e que se vão successivamente apertando de baixo para cima, até que no topo a camara é fechada por uma unica pedra ¹.

Nas camaras sepulcraes de Cintra o Sr. Maximiano Apollinario observou analogo processo de construcção: «cada fiada fórma sacada

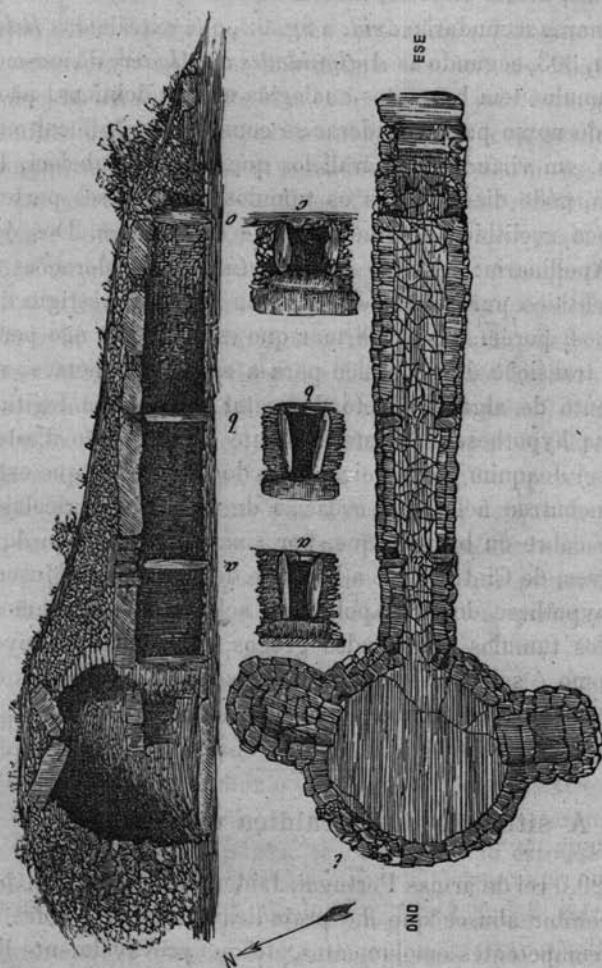


Fig. 6.ª — Sepultura de Alcalar (Algarve)

sobre a que lhe fica subjacente, de modo que o seu diametro interno diminue de baixo para cima, o que dá ao recinto a fórma de um tronco de cone ². Cfr. tambem o que de Alcalar se diz nas *Religiões*, I, 302 sqq., segundo as observações feitas por Estacio da Veiga.

¹ *Ob. cit.*, p. 178.

² *O Arch. Port.*, III, 212.

Eis na fig. 5.^a a planta de mais um tumulo de cupula grego (de Orchómeno, na Beocia), reproduzida do livro já referido, de C. Schuchhardt, *Schliemann's Ausgrabungen*, p. 354¹.

Em Alcalar encontrou Estacio da Veiga tambem tumulos que, como o de Mycenae, acima descrito, tinham ao lado da camara principal uma ou mais camaras secundarias: *vid.* a fig. 6.^a, que extráio das *Religiões da Lusitania*, I, 303, segundo as *Antiquidades do Algarve* do mesmo auctor.

Taes tumulos tem bastantes analogias com os dolmens; não devem, porém, os do nosso país considerar-se como evolução local ou autochthone d'elles, em virtude dos parallelos que acima estabeleci. Pelo que toca á data, pôde dizer-se que os tumulos portuguezes pertencem ao fim da epoca neolithica e primeira idade dos metaes. Dos de Cintra diz o Sr. Apollinario: «Até ao estado actual das explorações, o mobiliario é neolithico puro; não se encontrou o menor vestigio de metal. Não podemos, porém, ainda affirmar que esta estação não pertença ao periodo de transição do neolithico para a epoca dos metaes, mas só o apparecimento de algum objecto de metal nos poderá legitimamente levar a essa hypothese»². Posteriormente á publicação d'este artigo, o Sr. Manoel Joaquim de Oliveira, dono do terreno em que estavam os tumulos, encontrou nelle, por occasião de trabalhos agricolas, alguns objectos de cobre ou bronze, que, por amavel intervenção do Sr. Lopes Gonçalves, de Cintra, teve a bondade de offerecer ao Museu Ethnologico; a hypothese do Sr. Apollinario acha-se pois plenamente confirmada. Nos tumulos abobadados gregos, da civilização mycenense, tambem, como é sabido, se encontraram, ao lado de objectos de pedra e de ouro, objectos de bronze.

J. L. DE V.

A situação da Heraldica em Portugal

Em 1829 o rei de armas Portugal, Isidoro da Costa e Oliveira, com o fim de cohibir abusos que lhe prejudicavam mais o cofre pela carencia dos competentes emolumentos, do que provavelmente lhe offendiam a sciencia heraldica, dirigiu uma representação ou requerimento a D. Miguel, então rei de Portugal.

Em 1 de dezembro de 1829 foi recebido o requerimento no Tribunal do Desembargo do Paço, juntamente com um aviso do Ministro dos Negocios do Reino, que ordenava que a mesa consultasse o que

¹ E cf. Perrot & Chipiez, *Histoire de l'art*, VI, p. 441.

² *O Arch. Port.*, II, 221.